



**A EXPERIÊNCIA DE LÓCZY E A FORMAÇÃO DO
PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL**

Anita Viudes Carrasco de Freitas
anita.freitas@facsumare.com.br

Maria Helena Pelizon
helenapelizon@gmail.com

RESUMO: O artigo traz a reflexão das autoras sobre a educação da criança bem pequena no Brasil, os avanços verificados nas últimas décadas e os desafios que ainda permanecem, particularmente aqueles relacionados à formação do profissional. Para contribuir com o debate, recupera as concepções de infância e de educação que historicamente orientaram as diferentes práticas e no diálogo com a experiência desenvolvida pelo Instituto Emmi Pikler, busca referências que ajudam a compreender a importância e o significado do adulto e a sua relação com a criança pequena.

PALAVRAS CHAVE: Educação Infantil; Formação de Professores; Crianças Pequeninhas; Lóczy.

Introdução

Diante da busca para compreender a especificidade do trabalho com os bebês nas instituições de educação infantil e da necessidade de superar a dicotomia entre o cuidar e o educar, defrontamos com uma abordagem de atenção às crianças pequeninhas, construída durante décadas que, ao demonstrar um imenso respeito pela criança desde muito pequena, indica o caminho para pensar os espaços, os tempos, as relações e interações entre criança e adulto nas instituições de educação infantil, naquilo que podemos denominar de um *cuidado que educa*: a experiência de Lóczy.

Sem a intenção de transpor modelos, os princípios norteadores da abordagem são referências importantes que podem contribuir para a formação de professores de crianças, tanto a inicial quanto a continuada.

No Brasil, observa-se hoje um crescente interesse de educadores e pesquisadores na produção de conhecimento sobre a criança bem pequena e o seu desenvolvimento, o que tem contribuído para o investimento na formação dos profissionais. No entanto, sabemos também que esse caminho está sendo construído e que ainda há um percurso a ser vencido para garantir um conhecimento mais profundo sobre a especificidade e a capacidade do bebê de agir de forma autônoma sobre o meio e papel do adulto nesse processo. Romper com as representações e com a concepção de criança como um ser passivo e incapaz, ainda tão presentes no nosso imaginário, tem sido o desafio da formação.

Neste sentido, o acúmulo de conhecimento produzido pelo Instituto Emmi Picker sobre a forma do bebê ser e estar no mundo, independentemente da vida em instituição, sem ou com pouco vínculo com a família, ajuda a problematizar a forma como as instituições de educação infantil, no Brasil, organizam-se. O referencial proposto rompe com a concepção de uma criança heterônoma e incapaz, totalmente dependente do adulto e traz contribuições que permitem compreender a importância das interações e o papel do adulto nessa relação. Assim, são referências importantes para pensar a formação dos profissionais que trabalham com a criança pequena, desestabilizando as certezas, desequilibrando as representações sobre cuidado e educação que ainda justificam muitas práticas.

O primeiro aspecto a ser considerado nesta reflexão refere-se às concepções de criança, de infância e educação que historicamente marcaram a educação no Brasil. Muitos pesquisadores apontam como a mudança na forma de conceber a infância e a importância de sua educação em instituição própria foi sendo construída historicamente chegando à atualidade, ambas, infância e atividade escolar, frequentemente ligadas (NARODOWSKI, 2001, p.27). A confiança na educabilidade da criança desde a mais tenra idade e o papel atribuído ao adulto neste processo, parecem ter influenciado a forma como a escola foi se constituindo ao longo do tempo e com ela foi-se definindo o papel do professor, não necessariamente condizente com o que se espera do profissional de crianças bem pequenininhas.

As crianças ganham visibilidade, a infância passa de um tempo de preparação, do dever, para ser olhada como um tempo em si, na qual cada fase da idade, com sua identidade e finalidades próprias, tem que ser vivida na totalidade dela mesma. Assim, as crianças, sujeitos sócio-históricos e produtores de cultura, em processo de desenvolvimento, passam a demandar instituições encarregadas pela sua educação orientadas a partir de outro paradigma.

No Brasil, atualmente, cresce a abrangência do papel da educação, particularmente as instituições de educação infantil que passam a receber crianças com idade cada vez mais precoce. Desta forma, a especificidade do trabalho educativo e a reconhecida importância das interações entre adultos e crianças nessa relação demandam das escolas a inclusão de componentes afetivos tradicionalmente desprezados por elas.

Os aspectos apontados até aqui indicam que não é possível pensar na criança brasileira sem considerar a especificidade e o papel das instituições de educação infantil como espaço de educação, de cuidado, de brincadeira, de socialização, de produção e de manifestação da cultura. Neste cenário, o diálogo com a experiência desenvolvida pelo Instituto Emmi Pikler ganha significado.

A experiência de Lóczy

Lóczy, denominação dada à instituição localizada na rua do mesmo nome, na cidade de Budapeste, foi fundada em 1946, após a segunda guerra mundial para acolher crianças órfãs e/ou abandonadas. Desde então muitas mudanças ocorreram. Sob a direção e orientação da médica pediatra Emmi Pikler, e de sua principal colaboradora Judit Falk, o instituto desenvolveu estudos e pesquisas sobre o desenvolvimento de crianças pequenas e criou aportes para a observação e o reconhecimento das competências e necessidades básicas das crianças de 0 a 3 anos no sentido de garantir-lhes as melhores condições de bem estar físico, afetivo e psíquico. A experiência do hoje denominado Instituto Emmi Pikler tem contribuído para iluminar experiências de educação de crianças em escolas de educação infantis, particularmente àquelas voltadas ao cuidado e educação de bebês.

Partindo de uma concepção de ser humano como emergente das condições sociais concretas de sua existência, seu pensamento sobre o cuidado das crianças se assenta em **princípios** que garantam uma **segurança afetiva** e **uma motricidade livre**, apoiando-se em três funções principais que são: acolhimento e cuidados ao bebê, pesquisa sobre o processo de

desenvolvimento do bebê concatenado com a função institucional e formação e supervisão permanente das profissionais.

A construção da segurança afetiva inicia-se com o entendimento de que cada criança é um ser único, singular, cujo desenvolvimento depende da qualidade da relação que se estabelece com os materiais, objetos e adultos de seu entorno. Neste sentido, o respeito à criança é fundamental, encarando-a como uma pessoa com características, necessidades e expectativas próprias.

Este reconhecimento, por parte dos adultos, é primordial tanto para o desenvolvimento de práticas cotidianas de cuidado como para a construção do pensamento psíquico das crianças. A observação atenta por parte dos adultos mobiliza sua ação no sentido de garantir esse atendimento individualizado. A segurança afetiva vai se construindo na qualidade do vínculo de apego configurada na estabilidade das relações e ações repetidas cotidianamente pela educadora. A importância do olhar olhos nos olhos de cada criança, e o tempo, a comunicação verbal sobre sua ação (antecipando todos os acontecimentos), permite a presença de gestos delicados e consentidos nos momentos de troca, banho, alimentação e sono de cada criança.

Em Lóczy, cada profissional que atua diretamente com a criança é orientado a repetir esses gestos intencionalmente nos três momentos do dia: higiene, alimentação, e sono. Não é a quantidade do tempo dedicado à criança que determina a rotina, mas o envolvimento em cada uma dessas ações realizadas diariamente com cada criança no sentido de garantir qualidade das interações e vínculos almejados.

A sequência de ações de como levantar os bebês do berço, como segurá-los nos braços e como recolocá-los ao berço, sempre com gestos delicados, feitos com dedicação, prestando atenção ao fato de que se tem em mãos uma criança viva, sensível e receptiva (FALK, 1997, p.10) é feita de forma atenta e cuidadosa. Essa estabilidade e a regularidade das ações garantem a segurança necessária para o progresso do desenvolvimento global da criança. O contato físico é importante, no entanto, não é a presença constante, insistente, que garante a qualidade, mas a presença comprometida, inteira, respeitosa. É, pois, uma presença que reconhece também a importância do estar só.

Da mesma forma, a motricidade livre das crianças em Lóczy permite a elas o desenvolvimento de uma consciência e uma postura corporal autônoma, garantindo movimentos harmônicos e seguros. Motricidade, esta oriunda sempre da atividade livre e do interesse das crianças que, por sua vez, são estimuladas por um ambiente rico em oportunidades de interação, seja entre crianças e objetos, crianças e crianças, e crianças e adultos. Para Emmi Pikler, citada por Falk (1997, p.10), *“a saúde somática e psíquica, a noção de interação do indivíduo com seu meio se integram indissociavelmente e naturalmente desde o começo”*.

Um dos aspectos que chamam a atenção em Lóczy é a simplicidade e o cuidado com os ambientes. Neles, as crianças se movimentam livremente e com tranquilidade, brincam, experimentam, descobrem a si mesmas e aos outros. É possível ver bebês que nem sequer engatinham em contato com outros que se locomovem, apoiando-se em espaços cuidadosamente projetados para orientar, dar apoio, segurança e confiança às mesmas. Crianças de idades diferentes relacionam-se entre si e com os objetos do cotidiano, como utensílios de casa e objetos de materiais diversos, brinquedos etc. de forma harmônica, segura e equilibrada.

A presença respeitosa, afetiva e tranquila dos adultos, não em primeiro plano, mas dentro do campo de visão das crianças, garantem o apoio e segurança que as encorajam ao movimento livre e à exploração do seu entorno de forma autônoma. A frase de Pikler, citado por Chokler no prólogo da edição argentina do livro *Mirar al niño*, de Judit Falk, “*no se puede prometer más de lo que se puede dar, pero lo que se da debe ser estable y seguro*” ou seja, não se pode prometer mais do que se pode dar, mas o que se dá deve ser estável e seguro, reflete a presença destes princípios, do pensamento, das ações, do cuidado, enfim, da pedagogia implícita em Lóczy, conforme cita Pepa Ódena (FALK, 2004) no prefácio à edição catalã do livro sobre Lóczy:

Uma relação afetiva de qualidade entre adulto e criança; o valor da atividade autônoma da criança como motor do seu próprio conhecimento; a regularidade nos fatos, nos espaços e no tempo como base do conhecimento de si próprio e do entorno; a dimensão extraordinária da linguagem como meio de comunicação pessoal; a compreensão inteligente das necessidades da criança e muito mais. (p. 7)

Essa pedagogia presente na vida cotidiana com a valorização de materiais simples, a delicadeza dos gestos, as diferentes experiências, as interações verbais dos adultos sempre à espera de reações de colaboração das crianças, a locomoção e movimentação livre parecem apontar o caminho para a construção da Pedagogia da Infância.

Lóczy e a formação do educador da educação infantil: o que podemos aprender?

Historicamente, as instituições de educação infantil têm sido marcadas por uma tradição de baixa exigência no nível de escolaridade e de formação dos educadores. Isso reflete a falta de prioridade nas discussões das políticas públicas para a infância que, sistematicamente, relegaram a um papel secundário as instituições de educação infantil, os profissionais que nela atuam e a sua importância na vida, na constituição do sujeito e no processo de desenvolvimento da criança.

No meio acadêmico, observa-se um aumento significativo de pesquisas e estudos que identificam a ausência ou fragilidade da formação dos profissionais que desenvolvem o trabalho educativo nessas instituições e os reflexos disso sobre a criança e o seu desenvolvimento.

Esta situação, no momento, parece vislumbrar mudanças, o que tem provocado a consequente necessidade de se pensar na qualidade da formação dos adultos responsáveis pela educação e cuidado das crianças. Elas vêm associadas às novas exigências colocadas pela sociedade, que reclamam um novo olhar e outro lugar para a criança, impulsionando as mudanças no cenário educacional brasileiro já garantidos em lei, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009). No entanto, um longo percurso ainda precisa ser percorrido, pois sabemos que a formação e a qualificação profissional são elementos fundamentais para a melhoria da qualidade do trabalho educativo, porém sozinhas não a garantem, como observou Pikler no trabalho com as educadoras. A pergunta que se coloca a partir dessas reflexões é: qual formação garante a construção do perfil desse profissional desejado para atender especificidade de zero a três anos na educação infantil?

Acreditamos que a definição do perfil do profissional de educação infantil só pode ser feita a partir do que conhecemos e sabemos sobre as crianças, suas capacidades e habilidades, da presença e escuta atenta e sensível, bem como a importância da afetividade e da construção do vínculo na relação adulto e criança.

E neste aspecto parece que Lóczy tem muito a contribuir. A experiência do Instituto Emmi Pikler aponta a importância do adulto, não pela sua intervenção direta nos movimentos e nos jogos do bebê, e sim nas possibilidades que ele cria, conforme lembra Falk (2004, p.31):

O bebê, pelo que faz na direção de seus movimentos e na aquisição de experiências sobre ele mesmo e sobre o seu entorno – sempre a partir do que consegue fazer – é capaz de agir adequadamente e de aprender de maneira independente. Para o desenvolvimento da independência e da autonomia da criança, é necessário – além da relação de segurança – que ela tenha a experiência de competência pelos seus atos independentes (p.31).

Em parte das instituições brasileiras, um dos desafios a superar é a mudança na estrutura organizacional dos tempos e espaços e na qualidade das interações. Apesar do avanço, o que ainda se observa é a manutenção de uma rotina centrada na segurança e no controle do adulto sobre o que está acontecendo. A organização do tempo e do espaço tende a atender a necessidade do adulto e não a necessidade da criança de movimentar-se, de explorar o espaço e interagir com outras crianças e com os objetos de forma mais independente.

Segundo Judit Falk, além de equipes de profissionais e grupos de crianças estáveis, para que se estabeleça uma verdadeira relação pessoal é importante que a criança não permaneça inativa, que tenha muitas possibilidades de mover-se, de deslocar-se e de brincar.

Sabemos que a transformação da prática não se dá de forma linear e mecânica. Ela implica em rupturas e desconstrução de representações sobre a criança e sobre o que é ser professor da infância há muito consolidadas. Toda mudança angustia, gera tensão e certo desconforto, mas é justamente nessa relação dialética de resistência em confronto com novas possibilidades que podem ser construídas novas práticas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. 2009. Ministério da Educação e do Desporto. Parecer CEB/CNE 2009 **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**.

CHOKLER, M. 2010. **A história das ideias e a coerência na praxe da Atenção Precoce do Desenvolvimento Infantil**. A experiência Lóczy na educação e cuidados nos primeiros 3 anos. OMEP/SP.

FALK, Judit (Org). 2004. **Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy**. Araraquara: JM Editora.

_____. **Mirar al niño**. FUNDARI. Asociación Internacional Pikler (Lóczy), Argentina: Ediciones Ariana. 1997

NABINGER, S. 2010. Material apresentado no curso **A experiência Lóczy na educação e cuidados nos primeiros 3 anos**. OMEP/SP.

NARODOWSKI, M. 2001. **Infância e Poder: conformação da Pedagogia Moderna**. Bragança Paulista: Editora Universidade São Francisco.